

AFONSO LOPES VIEIRA E FERNANDO PESSOA: INFÂNCIAS PARALELAS

Cristina Nobre e João Paulo Marques

* "1.º Encontro com Afonso Lopes Vieira", ESEL, 5 de Julho de 1989

RESUMO: Nesta análise pretendemos pôr em confronto poemas de ALV, escritos para as *Cenas Infantis* de Schumann, op. 15, e de AC, das suas *Poesias*. Para cada categoria selecionámos apenas um poema, ou um excerto de poema, de cada um dos autores, embora outros houvesse que caberiam no mesmo âmbito. Nesta seleção apertada, procurámos analisar aqueles poemas em que a imagem da infância surgia mais nítida e mais valorada, de acordo com as categorias definidas (1.^a Infância | Inocência; 2.^a Infância | Saudade/Retorno; 3.^a Infância | Proteção; 4.^a Infância | Tradição). Foi nestes dois grandes poetas — o homem ALV, e a ficção AC — que procurámos as várias versões de uma mesma infância. Uma infância que estava, irremediavelmente, marcada pela imagem da criança na época.

Introito

Juntar os nomes de Afonso Lopes Vieira [ALV] e Fernando Pessoa [FP] na figura do "drama em gente" que é Álvaro de Campos [AC] é, no mínimo, inusitado. No entanto, a separar estes dois grandes poetas da nossa Portugalidade há apenas umas escassas décadas. ALV nascia em Leiria, em 1878; FP, em Lisboa, dez anos depois; ALV falecia em Lisboa, em 1946; FP na mesma cidade, desta feita onze anos antes. Um mesmo marco temporal, portanto, a encaixar as suas entradas enciclopédicas. Uma mesma conjuntura epocal, que dará e deixará frutos radicalmente diferentes e, apesar de tudo, com estranhas semelhanças quanto à conceção de infância que deixaram inscrita na respetiva poesia.

Diferentes foram as infâncias destes dois poetas. Tão radicalmente diferentes quanto pode ser uma infância feliz e completa, provinciana, acompanhada por uma sensibilidade com tutelas ancoradas maternal e paternalmente, de uma infância lisboeta, subitamente cortada por uma falha — a morte do Pai. Efetivamente, se a deslocação que ALV faz da sua casa nas Cortes para a capital, não implica uma grande alteração nos hábitos e atenções que cercam o pequeno Afonso, já o mesmo não se pode dizer da grande mudança e perda familiar de Fernando, que o levará em primeiro lugar a mudar de casa (do 4.^o andar esq. do Largo de S. Carlos, ali mesmo ao pé do fausto do Teatro, para a acanhada rua de S. Marçal) e, depois, mais tarde, a mudar de país, quando a mãe se casa em segundas núpcias com o comandante João Miguel Rosa.

ALV irá refletir na sua educação a herança burguesa e culta da sua família (o seu tio-avô fora ao tempo um apreciado poeta Romântico e na sua casa de férias, em S. Pedro de Moel, recebiam os seus pais os veraneantes ilustres, em cultas sessões de poesia e arte) — revela desde muito novo grandes dotes poéticos; forma-se em Direito pela Universidade de Coimbra; e publica, ainda estudante, os primeiros livros de versos: *Para Quê?* (1897) e *Naúfrago* (1898). A educação de FP será o reflexo da sensibilidade dos pais (o pai fora crítico musical e jornalista, e a mãe, de origem açoriana, era senhora de uma esmerada educação e sensível à poesia) e dos estilhaços de duas culturas diferentes — a portuguesa e a de uma colónia inglesa. Em Durban faz os seus estudos liceais, com brilhantes classificações, e educa-se na leitura um pouco anárquica dos grandes poetas ingleses: Keats, Tennyson, Ben Jonson, Poe. Já em Portugal, ainda se matricula no Curso Superior de Letras, mas depressa abandona as aulas.

Com o Curso de Direito, mas apaixonado pela Literatura, ALV é redator da Câmara dos Deputados de 1900 a 1906, para rapidamente se dedicar aos estudos e às leituras que tanto preza, e às viagens que o hão-de deliciar e abrir-lhe novos horizontes (Europa, África, Brasil). Depois, durante metade do ano, assenta arraiais em S. Pedro de Moel, onde a voz do mar e da sua infância continuam a prendê-lo; na outra metade permanece em Lisboa, onde colabora em revistas como a *Nação Portuguesa*. Sem nenhum Curso que o habilitasse para a vida, mas igualmente apaixonado pela Literatura, FP tenta a epopeia da criação da Tipografia Editora Íbis, que foi um fracasso. Acaba por se empregar, a partir de 1908, como correspondente comercial de várias firmas. De 1912 a 1934 dá a sua colaboração a diversas revistas — *A Águia*; *A Renascença*; *Orpheu*; *Portugal Futurista*; *Contemporânea*; *Athena*; *Presença*; *Descobrimento* — onde saem as poucas composições que publicou em vida.

ALV morre depois de uma vida cheia e produtiva, com uma obra para a infância a atestar a sua preocupação pelo tema: *Animais Nossos Amigos* (1911); *Bartolomeu Marinheiro* (1912); *Poesias sobre as "Cenas Infantis" de Schumann* (1915); *Canto Infantil* (1916, poesias musicadas por Tomás Borba para serem cantadas na Escola); *Autozinho da Barca do Inferno* (sd., inspirado em Gil Vicente, para fantoches). Os seus 68 anos de vida foram preenchidos com uma larga atividade cívica, literária e social, que fez dele um homem que ofereceu aos outros a sua riqueza interior. FP morre com 47 anos atormentado, na solidão da sua criatividade (ou genialidade?) exacerbada, numa marginalidade que as raras obras publicadas em vida vêm demonstrar. Nesta solidão pessoal, só a criação dos heterónimos, teatro supremo de um demiurgo de si próprio, vem iluminar com um raro fulgor (quase diríamos brilho infantil) a sua passagem pelos palcos da Vida.

Álvaro de Campos [AC] nasceu em Tavira, em 1890, segundo biografia do próprio Fernando Pessoa, foi educado em Inglaterra, em Glasgow, na Escócia; primeiro frequentou o curso de engenheiro mecânico e depois o de engenheiro naval; é instruído, culto e civilizado; e viajou pelo Oriente. AC aparece a FP por volta de 1914 (segundo a ficção que inventa os seus heterónimos) e defende uma ética do dinamismo e da violência, da civilização e da força, pelo que se inscreve num "Sensacionismo" à W. Whitman. Os "Apontamentos para uma estética Não Aristotélica", assinados por este heterónimo, defendem mesmo uma estética baseada, não já numa ideia de beleza, mas sim na ideia de força.

Ora, é na poesia de AC, nervoso e emotivo, que melhor se espraia uma saudade da infância, os remorsos de um passado definitivamente morto. Paradoxalmente, o mais moderno e extrovertido dos vários Pessoa, é também aquele que mais olha e sente o passado da infância — uma infância cuja educação inglesa evoca, inquestionavelmente, o desenraizamento do pequeno Fernando António Nogueira Pessoa. A poesia de ALV é a saudade da infância. Não há peso, nem força, nem violência — há a beleza e a saudade de uma infância mágica e musical, que contém as raízes da pureza e da inocência.

Foi, pois, nestes dois grandes poetas — o homem ALV, e a ficção AC — que procurámos as várias versões de uma mesma infância. Uma infância que estava, irremediavelmente marcada pela imagem da criança na época.

Definição das categorias de análise

A definição das categorias serviu, fundamentalmente, para proporcionar uma metalinguagem operativa comum entre um campo de análise simultaneamente psicológico e literário.

As quatro categorias de análise — inocência, saudade/retorno, proteção, tradição — foram selecionadas depois de uma análise de um *corpus* de textos dos dois autores, substancialmente mais alargado do que aquele com que viemos a trabalhar posteriormente. Estas categorias são as categorias possíveis dentro do *corpus* selecionado, com a relatividade que este tipo de critérios necessariamente tem. Tendo em conta estas limitações, inerentes a toda a análise, passamos agora à definição de cada categoria.

1ª Categoria — Infância | Inocência

Etimologicamente, a palavra inocência deriva do latim *innocens, tís*, que significa "aquele que não sabe; que é inofensivo, virtuoso, inocente, incapaz de prejudicar". A inocência representaria o estado da criança antes do pecado pessoal e o estado do homem antes do pecado original. Ou seja, em termos de estado desenvolvimental, e utilizando uma análise psico-sociológica, equivaleria a uma "idade da inocência" antes do salto para a "idade da razão". Dentro desta perspetiva, e tendo em conta os nossos desígnios de análise, poderíamos dizer que é o próprio desenvolvimento a causa dessa quebra da inocência. Assim, temos um certo sentido fatalista (que, aliás, pode ser encontrado nos dois poetas em causa). Ao nível dos diferentes factos sociais patentes no desenvolvimento, e que poderiam contribuir para a quebra desta inocência, encontraríamos os seguintes: a saída de casa e perda do relacionamento quase exclusivo com a família, a entrada na escola e a conseqüente necessidade de assumir coisas, que implicaria uma perda da alegria, natural naquele estado de inocência.

Em conclusão, a categoria Infância Inocência corresponde a um estado caracterizado por uma

ausência ou limitação inicial de vivências (num sentido "adulto" da palavra), e por uma alegria natural que o processo de desenvolvimento irá inevitavelmente subverter.

2ª Categoria — Infância | Saudade/Retorno

A palavra saudade, etimologicamente, vem da raiz de *solitudo*, *inis*, que significa "solidão, abandono, desamparo, falta, privação". A saudade (a palavra mais *portuguesa* do nosso vocabulário) equivale a um sentimento de perda pela ausência de pessoa, objeto ou situação. Este sentimento está associado a um estado de nostalgia e pesar por essa perda. Há também subjacente um desejo, mais ou menos manifesto, de compensação da perda, seja por um processo utópico de retorno, seja por um processo individual de ligação ao passado, traduzido na recordação e recriação imagética do mesmo, integrando-a necessariamente num *eu* atual.

Esta categoria implica um sujeito específico e uma experiência individual de um passado já vivido, isto é, em relação à categoria anterior representa um estado mais "avançado" de experiência. Enquanto o sujeito da categoria anterior preserva a alegria, por uma ausência de passado, este encontra-se sob a alçada da saudade, fruto das suas vivências passadas.

3ª Categoria — Infância | Proteção

O latim *protegere* significa "amparar, defender" ou, numa outra aceção possível, "esconder, dissimular". A proteção implica a existência de um valor social individualmente assumido, na maioria das vezes por instituições fortemente pessoalizadas. A ideia base subjacente a esta categoria é a de um "Eu" que precisa de proteção "por natureza". Precisa de proteção a infância enquanto tal, assim como o adulto, sempre que deseja um retorno à infância, colocando-se assim numa posição inferior que, tirando o peso da responsabilização, oferece segurança.

Este jogo protegido (criança/protetor (adulto) caracteriza, no fundo, uma teia complexa de relações com terceiros, que incluem o próprio enquanto possuidor de uma história pretérita. Relacionando com as categorias anteriores, verificamos que nesta há inclusão de relações inter individuais.

4ª Categoria — Infância | Tradição

A palavra tradição vem do latim *tradere*, cujo significado é "trazer até, arrastar". Neste sentido original, tradição implicaria um processo dinâmico de continuidade do conhecimento, um passado selecionado com valor exemplificativo. Encontrar a tradição, ou ir de encontro à tradição, significaria estar mais perto da Verdade, do Original, das Origens. Segundo esta perspetiva, o horizonte humano está limitado pela tradição, que projeta dinamicamente as raízes do passado no futuro.

Numa perspetiva psicológica, a tradição corresponderia à "pré-história" do indivíduo. Seria constituída por uma série de elementos dinâmicos a construir no espaço psíquico do indivíduo e, conseqüentemente, na construção da estrutura "Eu-Mundo", na qual se integram todos os elementos significativos da história do sujeito, com todas as conseqüências ao nível de construção da personalidade. Todo o projeto constante de "pessoa" pressupõe o seu passado, a sua tradição.

Mas a tradição aparece sobretudo como uma experiência cultural, em que o sujeito enquanto individualidade se dilui num sujeito coletivo, que recebe e continua uma tradição cultural. Em conclusão, esta última categoria dá-nos um sujeito simultaneamente formado e em formação, com vivências passadas, mas ainda com uma história para ir construindo.

ANÁLISE

Nesta análise pretendemos pôr em confronto poemas de ALV, escritos para as *Cenas Infantis* de Schumann, op. 15, e de AC, das suas *Poesias*. Para cada categoria selecionámos apenas um poema, ou um excerto de poema, de cada um dos autores, embora outros houvesse que caberiam no mesmo âmbito. Nesta seleção apertada, procurámos analisar aqueles poemas em que a imagem da infância surgia mais nítida e mais valorada, de acordo com as categorias definidas.

1. Infância | Inocência: *Fala o Poeta* (ALV) e *Encostei-me para trás...*(AC)

FALA O POETA

Nos grandes olhos das crianças vê-se
o infinito em flor desabrochar!
E rezo agora a minha prece.
Falar de crianças é rezar.

Oh! pensar que elas não de crescer
e ser os homens dalgum dia!
Pensar que toda esta alegria
se enflora agora para mais não ser!

Mas que pena, meu Deus, que as crianças
não fiquem toda a vida assim,
enchendo a terra de risos e esp'ranças,
florindo a nossa vida até ao fim!

Oh! pensar que elas não de crescer,
tudo nelas mudar quanto se vê,
e que não de, como nós, saber, sofrer,
e ser homens – ser maus, que o mesmo é...

A noite cai, mal amanhece,
o dia vai, p'ra não voltar...
Nos grandes olhos das crianças vê-se
o infinito em flor desabrochar!

Encostei-me para trás na cadeira de convés e fechei os olhos,
E o meu destino apareceu-me na alma como um precipício.
A minha vida passada misturou-se-me com a futura,
E houve no meio um ruído do salão de fumo,
Onde, aos meus ouvidos, acabara a partida de xadrez.

Ah, balouçado
Na sensação das ondas,
Ah, embalado
Na ideia tão confortável de hoje ainda não ser amanhã,
De pelo menos neste momento não ter
[responsabilidades nenhuma,
De não ter personalidade propriamente, mas sentir-me ali,
Em cima da cadeira como um livro que a sueca ali deixasse.

Ah, afundado
Num torpor da imaginação, sem dúvida um pouco sono,
Irrequieto tão sossegadamente,
Tão análogo de repente à criança que fui outrora
Quando brincava na quinta e não sabia álgebra,
Nem as outras álgebras com x e y's de sentimento.

Ah, todo eu anseio
Por esse momento sem importância nenhuma
Na minha vida,
Ah, todo eu anseio por esse momento, como por outros análogos
Aqueles momentos em que não tive importância nenhuma,
Aqueles em que compreendi todo o vácuo da existência sem
[inteligência para o compreender
E havia luar e mar e a solidão, ó Álvaro.

No poema *Fala o Poeta* há um *eu* emissor, com uma atividade linguística *sui generis* — o *eu* reza e faz uma prece. Todo o seu discurso se vai organizar em duas modalidades básicas: ele vai pregar uma determinada imagem da criança, e vai, simultaneamente, pedir por essas mesmas crianças.

Temos assim um *eu* que se assume claramente num estado consciente, o que permite um tipo de discurso próximo de um manifesto. Essa atitude discursiva faz-nos ler uma imagem da criança, que se caracteriza essencialmente por uma alegria, que se perde inevitavelmente quando adulto: "Pensar que toda esta alegria / se enflora agora para mais não ser!". Ora, esta alegria primária só é possível porque é equivalente de um estado geral de inocência, que o poema expressa através de uma imagem da criança ligada às flores, por um lado, e ao não acesso ao conhecimento, por outro. É porque as crianças não sabem, que não sofrem. É esta inocência constitutiva que lhes permite rir e dar esperanças: "enchendo a Terra de risos e esperanças".

Mas, a inevitável quebra da infância não é sentida por este poeta como uma fatalidade. Há um sentimento de pena: "Mas que pena, meu Deus [...]", que acaba por ser resolvido numa imagem de infinitude, isto é, o futuro apresenta uma multiplicidade de possibilidades para a existência humana, que terá sempre outras crianças para lhe dar "risos e esperanças". Em suma, por trás de cada adulto que perdeu a inocência, e sabe o que é sofrer, há sempre uma criança. A função da prece do Poeta é lembrar-nos disso.

No poema de AC, também há um *eu* emissor, mas a sua posição é de um completo abandono: "Encostei-me para trás na cadeira de convés e fechei os olhos". O seu estado é de semiconsciência: "afundado"; "num torpor da imaginação"; "um pouco sono". É por isso que o seu pensamento mistura as imagens do futuro com as do passado. Esta posição do emissor vai contribuir para uma atitude imagética que corre ao sabor do pensamento.

Este *eu* dá-nos uma imagem da criança, da qual a inocência também é parte constituinte. A

criança, naturalmente alegre no passado, deixou de o ser no presente adulto. Mas também aqui a alegria é sinónimo de um certo estado de inocência primária, que fica registado nas expressões: "não sabia álgebra, / Nem as outras álgebras com x e y's de sentimento".

Ora, esta semiconsciência de um estado de inocência original em que "não [tinha] responsabilidades nenhuma", "não [tinha] personalidade propriamente", "não [tinha] importância nenhuma", acaba numa sensação de perda irremediável no presente. O que sobra é o "vácuo da existência", que sempre lá esteve, mas ao qual a criança não tem acesso.

Em conclusão, se para o Poeta de ALV a inocência, como estado fundamental da criança, é sempre recriável, noutras crianças, para o *eu* irrequieto tão sossegadamente", a perda da inocência é um rasgar definitivo com a infância, que não pode voltar a ser ligado. O *eu* de AC acaba homem, só, com a angústia do passado. O contraponto da inocência perdida é a solidão.

2. Infância - Saudade / Retorno: *Entre-Sonho* (ALV) e *Aniversário* (AC)

ENTRE-SONHO | "RÊVERIE"

Em todos nós, lá bem no fundo, existe,
na alma de agora, triste,
perdida em névoas de distância
- a memória da nossa infância.

Nos cantinhos do longe, que ternura!
e que doçura vem
de além...

Na sombra vaga do passado,
entre a saudade e o seu olor,
há um cadáver delicado
que exala um aroma de flor.

Somos todos um anjo que morreu
e que donde está, lá no céu,
lembra através das brumas da distância
a sua infância...

Nos cantinhos do longe, que ternura!
e que doçura vem
de além...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim mesmo,
O que fui de coração e parentesco.
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui — ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...
(Nem o acho...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amam treme
[através das minhas lágrimas]),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos ...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos
[dentes!]

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há
[aqui...]
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça,
[com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra
[debaixo do alçado —,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira! ...

ANIVERSÁRIO

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição
[de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com
[uma religião qualquer.

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

Numa análise paralela dos dois poemas, podemos identificar um conjunto de contrastes, que se iniciam pela forma como cada um dos poetas assume o discurso. Em *Entre-Sonho* (a que originariamente o autor tinha intitulado com o francesismo *Rêverie*) temos uma voz que representa o coletivo e fala do geral — "Em todos nós [...]"; no *Aniversário*, temos uma voz individual e diferente, que fala sobre a sua própria experiência particular — "[...] o dia dos meus anos".

Ambos os poemas remetem para a infância, mas o de ALV dá-nos uma imagem da criança, enquanto o de AC nos mostra *uma* criança, aquela de quem se festejava o dia dos anos. Em *Entre-Sonho* a imagem da criança é uma imagem de "ternura" e de "doçura". Esta imagem está envolta numa certa indefinição, quase "perdida em névoas de distância". A imagem da criança de *Aniversário* é uma imagem de alegria, acompanhada de uma certa passividade: "E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer". Esta criança enquadra-se num ambiente muito definido, onde há uma casa, uma família, e objetos específicos de mobiliário e domésticos.

Em oposição a essa criança do passado, que está muito longe — "A que distância!... / (Nem o acho...)" — o *eu* presente encontra-se numa situação de perda, uma vez que o retorno à infância, enquanto espaço paradisíaco onde a felicidade era possível, é agora impossível. No hoje o *eu* "já não [faz] anos. / Dur[a]". A sua recordação de um passado feliz deixou-o apenas com uma consciência mais aguda do seu presente solitário: "é estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...". No poema *Entre-Sonho* também há uma recordação da infância — "a memória da nossa infância" — mas essa recordação é sublimada numa saudade evanescente com que todos vivem dentro de si: "somos todos um anjo que morreu". O que ficou foi uma morte glorificada — dentro de todos continua a existir o estado paradisíaco da infância, na metáfora de um Anjo.

Concluindo, a infância-saudade de ALV é um desejo de retorno resolvido por uma imagem de morte sublimada. A infância-saudade de AC é uma *raiva* por um passado que não se consegue trazer "roubado na algibeira!", ou seja, há um desejo de regressão que falhou.

3. Infância-Proteção: *À Lareira* (ALV) e *Esta velha angústia* (AC)

À LAREIRA

Escutando e olhando o longo lume brando,
as Avós vão cismando...

E os netinhos dormindo
sonham, sorrindo,
quanto sonho lindo!

Dormem, muito bem deitados,
fazendo ó ó, tão descansados!

E o lume canta e rebrilha,
o lume, a fulva maravilha!

O lume que sob a dourada asa
protege e aquece o coração da casa.
O lume dos longos serões
das saudades e das recordações...

O lume que refulge e doira
a velha Avó, tornando-a loira!

E os netinhos dormindo
sonham, sorrindo,
quanto sonho lindo!

E olhando e escutando o longo lume brando,
as Avós vão cismando...

Esta velha angústia,
Esta angústia que trago há séculos em mim,
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.
Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal-estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar entre,
Este quase,
Este poder ser que...,
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos, alguém,
Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.
Estou doido a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim...

Pobre velha casa da minha infância perdida!
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!
Que é do teu menino? Está maluco.
Que é de quem dormia sossegado sob o teu tecto provinciano?
Está maluco.
Quem de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!
Por exemplo, por aquele manipanso
Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.
Era feiíssimo, era grotesco,
Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.
Se eu pudesse crer num manipanso qualquer —
Júpiter, Jeová, a Humanidade —
Qualquer serviria,
Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?

Estala, coração de vidro pintado!

No poema *À Lareira* não há propriamente um *eu* emissor identificável na letra do poema, mas há uma identidade assumida segundo o modelo que o poema propõe — a velha Avó.

O modelo de infância aqui apresentado caracteriza-se pelo sonho, pelo estado do sono, o descanso e a proteção. Os *netinhos* dormem descansados, e os símbolos dessa proteção são, por um lado, o lume, centro do Lar, por outro, a Avó, modelo do adulto. O adulto terá tendência a assemelhar-se à Avó e, como ela, "scismar sobre o passado" e proteger a criança. Ao adulto restam as "saudades" e as "recordações", como herança dum passado de felicidade, em que há "sonho[s] lindo[s]!".

O segredo da felicidade desta Avó, que até parece mais nova por estar ao pé do lume — "O lume que refulge e doira / a velha Avó, tornando-a loira!" — é que ela continua a jogar no espaço da infância, na casa, com o lume, protegendo o sono-sonho dos netos. Proteger a infância é, de algum modo, segundo este modelo, participar dos seus privilégios.

Em *Esta velha angústia* há um *eu* individualizado, que reflete sobre o seu passado e questiona a sua identidade. Não há um modelo assumido; há um modelo em processo de instauração. Mas há um modelo da infância passada, caracterizado por um "dormir sossegado" e por um certo estado de acolhimento. Esta infância aparece protegida por uma "velha casa" e por um "tecto provinciano". Ora, este modelo pertence irremediavelmente ao passado, e a angústia do adulto resulta da impossibilidade de voltar à infância e da consciência de ter perdido algo desse estado de proteção: "Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!" A perda da proteção da

infância dá ao sujeito adulto uma lucidez angustiante, que, no poema, aparece contrastivamente caracterizado: "estou doido a frio"; "estou lúcido e louco"; "estou alheio a tudo"; "est[ou] maluco". Este adulto também tem sonhos, mas esses sonhos são loucura. A sua "velha angústia", que transbordou neste poema, resulta de uma quebra de um ciclo que teve início na casa da infância, e que hoje se perdeu. Este sujeito não consegue continuar a jogar no espaço protegido da infância, nem consegue substituir essa proteção, pela proteção de uma qualquer religião. No seu presente não cabe uma continuação do modelo da infância: "Hoje é quem eu sou".

Em suma, a infância vista como uma época de proteção resulta em duas visões diferentes no mundo do adulto — ou o adulto assume o papel de protetor, o que acaba por o proteger também; ou o adulto deseja continuar a ser protegido, o que, paradoxalmente, o faz ter mais consciência da sua situação de abandono.

4. Infância-Tradição: *História Bonita* (ALV) e *Ode Marítima* (excerto, AC)

HISTÓRIA BONITA

É uma história muito bonita
– Conte! Conte! Conte! –
é uma história muito bonita,
escutem, escutem, que eu vou contar.

E nesta história muito bonita
– Conte! Conte! Conte! –
e nesta história muito bonita
dançam as fadas à luz do luar.

A minha avó contou-ma a mim
quando eu era assim
como vocês...
– Conte! Conte! Conte! –

Era uma vez...

*

ODE MARÍTIMA (excerto)

[...]

Ah, o orvalho sobre a minha excitação!
O frescor noturno no meu oceano interior!
Eis tudo em mim de repente ante uma noite no mar
Cheia de enorme mistério humaníssimo das ondas noturnas
A lua sobe no horizonte
E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim.
O meu passado ressurgiu, como se esse grito marítimo
Fosse um aroma, uma voz, o eco duma canção
Que fosse chamar ao meu passado
Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.

Era na velha casa sossegada ao pé do rio
(As janelas do meu quarto, e as da casa-de-jantar também,
Davam, por sobre umas casas baixas, para o rio próximo,
Para o Tejo, este mesmo Tejo, mas noutro ponto, mais abaixo
Se eu agora chegasse às mesmas janelas não chegava às
[mesmas janelas.
Aquele tempo passou como o fumo dum vapor no mar alto...)

Uma inexplicável ternura,
Um remorso comovido e lacrimoso,
Por todas aquelas vítimas – principalmente as crianças –
Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo,
Emoção comovida, porque elas foram minhas vítimas;
Terna e suave, porque não o foram realmente;
Uma ternura confusa, como um vidro embaciado, azulada,
Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida.

Ah, como pude eu pensar, sonhar aquelas coisas?

Que longe estou do que fui há uns momentos!
Histeria das sensações – ora estas, ora as opostas!
Na loura manhã que se ergue, como o meu ouvido só escolhe
As cousas de acordo com esta emoção – o marulho das águas.
O marulho leve das águas do rio de encontro ao cais...
A vela passando perto do outro lado do rio,
Os montes longínquos, dum azul japonês,
As casas de Almada,
E o que há de suavidade e de infância na hora matutina!...

Uma gaivota que passa,
E a minha ternura é maior.

Mas todo este tempo não estive a reparar para nada.
Tudo isto foi uma impressão só da pele, com uma carícia
Todo este tempo não tirei os olhos do meu sonho longínquo,
Da minha casa ao pé do rio,
Da minha infância ao pé do rio,
Das janelas do meu quarto dando para o rio de noite,
E a paz do luar esparsu nas águas!...

Minha velha tia, que me amava por causa do filho que perdeu...
Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
(Se bem que eu fosse já crescido demais para isso)...
Lembro-me e as lágrimas caem sobre o meu coração e lavam-no da
[vida,
E ergue-me uma leve brisa marítima dentro de mim.
As vezes ela cantava a "Nau Catrineta":

*Lá vai a Nau Catrineta
Por sobre as águas do mar...*

E outras vezes, numa melodia muito saudosa e tão medieval,
Era a "Bela Infanta"... Relembro, e a pobre velha voz ergue-se dentro
[de mim
E lembra-me que pouco me lembrei dela depois, e ela amava-me tanto!
Como fui ingrato para ela – e afinal que fiz eu da vida?
Era a "Bela Infanta"... Eu fechava os olhos, e ela cantava:

*Estando a Bela Infanta
No seu Jardim assentada...*

Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar
E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo isto era feliz.

*Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada,
Seu pente de ouro na mão,
Seus cabelos penteava*

Ó meu passado de infância, boneco que me partiram!

Não poder viajar pra o passado, para aquela casa e aquela afeição,
E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!

Mas tudo isto foi o Passado, lanterna a uma esquina de rua velha. [...]

Nestes dois poemas encontra-se uma confluência de imagens referentes à infância, traduzidas pela ideia central de que aquela é um estado em que se recebe algo, vindo de um passado mais ou menos longínquo. Temos assim a infância como lugar privilegiado de aprendizagens e receção de valores.

Na *História Bonita* o transmissor, aquele que faz o legado desses valores, é o *eu* poético — "scutem, `scutem, que eu vou contar". Mas, este *eu*, por sua vez, já recebeu esse mesmo legado de outrem — "a minha avó contou-ma a mim". O adulto é, no fundo, um mediador entre o passado e o futuro, ou seja, é um filtro da tradição. Na *Ode Marítima* o *eu* adulto relembra as velhas canções que a *velha tia* lhe costumava cantar. Mas esse relembrar é intransitivo — não há uma filtragem em função de uma nova retransmissão. O processo de legado da tradição fica parado neste *eu* adulto, cuja única via de acesso ao passado é uma identificação com a criança de outrora: "E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima em mim."

A tradição, para ALV, faz parte de uma imagem da infância feliz, onde os valores se vão transmitindo num ciclo sempre renovado e quase atemporal, como o início de todas as histórias: "Era uma vez...".

Para AC, a tradição faz parte de uma imagem da infância perdida, que também ressoa nas velhas canções de embalar, mas que parou no passado: "Não poder viajar para o passado, para aquela casa e aquela afeição, / E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!"